
A Inteligência Artificial No Filme: Controle Absoluto ¹

Danielle da Silva SOARES²

Tales Augusto Queiroz TOMAZ³

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

RESUMO

Este trabalho se propôs analisar como a Inteligência Artificial é retratada no filme de ficção Científica Controle Absoluto, examinando a relação entre os personagens e o sistema de Inteligência Artificial, Aria. Para compreensão do tema, foi feita primeiramente uma pesquisa bibliográfica a fim de conceituar a Inteligência Artificial para em seguida compreender como o cinema se relaciona com a sociedade e finalmente a análise temática do filme proposto. Explorando a discussão sobre os perigos da técnica, o artigo se baseou na hipótese de no filme Controle Absoluto as máquinas são mais confiáveis que os seres humanos, não estando sujeitas a atos irracionais e que a maneira como o homem se relaciona com a máquina é que irá condicionar seu comportamento.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial; Controle Absoluto; Análise de Filme; Cibercultura; Tecnologia.

Introdução

A partir do século XX, uma sociedade pós-moderna evolui com seus ideais baseados no Iluminismo, que elevam a razão, a evolução e a subordinação à técnica, principalmente às tecnologias eletrônico-informacionais. Nesse contexto surge o campo de estudos sobre Inteligência Artificial, que buscava, entre outros fatores, tentar resolver problemas humanos através de metodologias e técnicas algorítmicas. Essa ciência vai mais além e cria entidades inteligentes, abrangendo diversas áreas desde simples tarefas como jogos de xadrez até no ramo da medicina e engenharia, com diagnóstico de doenças, robôs e seres com inteligência artificial.

Sendo algo tão presente no cotidiano social a Inteligência Artificial é retratada em diversos filmes de Ficção Científica, que por serem produtos da Indústria Cultural

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do Intercom Júnior no XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Graduanda do Curso de Comunicação Social Habilitação em Publicidade e Propaganda do Unasp-EC, e-mail: dasilvasoaresdanielle@gmail.com.

³ Professor orientador. Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP e docente do curso de Comunicação Social do Unasp-EC, e-mail: tales.tomaz@ucb.org.br.

servem para expressar como a sociedade funciona, suas fantasias, ansiedades e temores. No filme “Controle Absoluto” encontramos essa reflexão acerca do controle social das massas através das tecnologias de comunicação, transmitindo a ideia de que a máquina não é a causadora de conflitos na relação entre homem e máquina, mas a forma como o homem atua dentro dessa relação é que irá condicionar o comportamento maquinístico.

Este trabalho busca analisar essa representação da Inteligência Artificial no cinema de ficção científica através da seguinte pergunta: De que maneira a Inteligência Artificial é representada no filme “Controle Absoluto”, a partir da relação entre homem e máquina?

Será feita uma pesquisa bibliográfica e de análise documental, por se tratar de um filme. Assim na primeira parte de pesquisa bibliográfica, será trabalhado o conceito de Inteligência Artificial se utilizando autores como Gomes (2010), Marcondes Filho et. al. (1998) e Rüdiger (2004). Na segunda etapa será discutido o papel dos filmes como expressão do imaginário social, baseando-se principalmente em Kellner (2001), Jameson (1994) e Paiva (2007). A análise do filme “Controle Absoluto” será realizada na terceira etapa se baseando na metodologia de Penafria (2009) para descobrir como a Inteligência Artificial está inserida no enredo da dramaturgia, e a sua relação com o homem.

O que é a Inteligência Artificial?

Desde a antiguidade os filósofos já buscavam compreender o funcionamento de processos de aprendizagem, visão, memória, raciocínio, e com isso foram efetuadas tentativas de mecanizar a inteligência humana.

Segundo Gomes (2010) após a Segunda Guerra Mundial, a Inteligência Artificial começa a ser estudada como ciência e historicamente pode ser dividida em quatro tipos de sistemas que: 1- Pensam como seres humanos; 2- Atuam como seres humanos; 3- Pensam racionalmente; 4- Atuam racionalmente. Os dois primeiros dizem respeito ao método de pensamento e raciocínio avaliando a fidelidade que as máquinas possuem em comparação ao desempenho humano, já os métodos 3 e 4, se relacionam com o comportamento, avaliando o sucesso ao comparar esses sistemas com um conceito ideal de inteligência (humana) chamado de racionalidade, de acordo com Russell, Norvig (*apud* GOMES, 2010, p.235). Ainda de acordo com os autores há duas hipóteses usadas

pelos filósofos a respeito da Inteligência Artificial (IA). A IA fraca, que afirma que as máquinas talvez possam agir de maneira inteligente e a IA forte, que afirma que as máquinas que agem dessa maneira, estão realmente pensando.

Alan Turing, o precursor da teoria da IA fraca, em 1950, em seu artigo “Computing Machinery and Intelligency”, apresentou o Teste de Turing, como explicado por Gomes (2010). Nesse teste, uma pessoa interroga um homem e uma mulher em salas separadas e com o objetivo de descobrir qual deles é a mulher. Através de respostas curtas, a pessoa deve tentar acertar, caso indique o homem como sendo a mulher, isso quer dizer que o homem, um ser pensante, conseguiu se passar pela mulher. Então o homem é trocado por um computador que também tenta se passar pela mulher. Se a pessoa que estiver tentando descobrir, afirmar que o computador é mulher, a conclusão é de que a máquina é um ser pensante. Anos depois, essa teoria foi questionada, pois Turing não considerou que a máquina poderia ser programada para simular uma pessoa, sem necessariamente pensar.

A partir dos anos 80, a Inteligência Artificial passa a ser uma indústria e se torna um ramo da Ciência da Computação, relacionando-se em várias áreas como medicina, psicologia, engenharia, etc. sendo aplicada em diversas funções como sistemas computacionais e robótica, estando presente agora em todas as áreas cotidianas da sociedade, complementa Gomes (2010).

Nesse cenário, as máquinas demonstram uma certa autonomia em seu comportamento e passam a impressionar os seres humanos. Marcondes Filho et. al. (1998), diz que a partir daí, surge um novo ser: “o ser técnico instrumental”, que reascende discussões sobre os “perigos da técnica”, a dominação das máquinas, a submissão dos homens pelas máquinas, o controle social através da técnica. No entanto, esses pensamentos estão mais para ideologias do que realidade. As máquinas, destituídas de irracionalidade e emoções, não são programadas com barbaridades perversas e tampouco podem desenvolver traços negativos que pertencem apenas a organismos biológicos. O autor conclui então, que as máquinas inteligentes são como um rival do ser humano, mais do que isso o transcendem se mostrando mais eficazes e confiáveis do que o homem chegando a superá-lo, o reconduzindo à civilidade.

As críticas não pairam apenas sobre a “técnica maquinística” em si, mas na maneira como o homem se relaciona com essa revolução tecnológica, ou seja, o problema da tecnologia não está na técnica, mas em ver o ciberespaço como uma outra

realidade, quando na verdade deveria ser encarado como uma “dimensão fantasiosa do mundo caótico socialmente à deriva em termos econômicos em que de fato estamos vivendo” (RÜDIGER, 2004, p.168). O autor continua dizendo que os seres humanos aprendem em massa ao serem imersos na “civilização maquinística”, e são alienados sem perceber que estão cercados de máquinas o tempo todo, interagindo com aparelhos tecnológicos como se fossem seres humanos e “a existência pode ser mais ou menos calculada e conduzida como uma máquina, o que nos remete ao pensamento tecnológico” (RÜDIGER, 2004, p. 163).

Através desse pensamento Rüdiger não acredita na neutralidade da tecnologia e sim numa relação dominante com o ser humano, podendo até mesmo controlar a existência humana. A civilização moderna é uma junção de interesses políticos e militares através da ciência e tecnologia, junto com as teorias de informação e comunicação, como defende Noble (*apud* RÜDIGER, 2004, p. 171). Seu pensamento se conclui ao afirmar que a cibercultura tem duas vertentes, de um lado amparado na política em que há uma imposição de domínio sobre a sociedade, como uma forma de controle, e do outro, por meio das próprias crenças e mitos do ser humano que o direcionam à resolução de seus problemas por meio de fantasias, transformando a tecnologia em algo metafísico.

Em síntese, esses aspectos confluem na pretensão maximalista de que a derradeira solução de nossos problemas está na superação maquinística do ser humano, através do ciborgue e, logo, de algo pós-humano. [...] Através da cibercultura, o pensamento tecnológico está conquistando novo patamar, mais cotidiano e generalizado, passando a diversificar suas pretensões fantasiosas e dimensão metafísica (RÜDIGER, 2004, p. 176-177).

Os Filmes como Expressão do Imaginário

Como mencionado anteriormente, a Inteligência Artificial está presente nos filmes de Ficção Científica, mas antes de iniciar a análise do longa-metragem é importante compreender a relação entre um produto da cultura da mídia e a sociedade. É necessário contextualizar as produções culturais dentro da sociedade e cultura contemporâneas, percebendo os conflitos sociopolíticos existentes.

Em seu livro *A Cultura da Mídia*, Kellner (2001) argumenta que os produtos da mídia não são meramente elementos de dominação ideológica, mas são meios em que se refletem as fantasias, conflitos, ansiedades e temores da sociedade, por meio de complexas produções de caráter político e social que exige uma análise metodológica de leitura e interpretação para se compreender como são criados, veiculados e recebidos por essa sociedade.

Rüdiger (2004) confirma esse pensamento ao defender que os produtos da cibercultura além de serem expressão racional sobre o controle do mundo, também se dá do esforço em redimensionar o mundo de acordo com a fantasia, que são nossos valores de crenças e desejos.

As obras da cultura de massa possuem caráter ideológico, ao mesmo tempo em que são utópicas, defende Jameson (1994). Não se pode manipular as massas ou gerenciar angústias e preocupações sem que haja um conteúdo verídico, que seja reconhecido e assimilado pela consciência coletiva, prossegue o autor, ou seja, ainda que essas obras tenham uma função de dominação ideológica, elas só conseguem cumprir seu papel ao abordarem as esperanças e fantasias que a sociedade possui, mesmo que de forma distorcida.

Os produtos de mídia como filmes, músicas, literatura, refletem as relações, os medos, ansiedades e esperanças de uma sociedade para gerar tranquilidade através das mensagens ideológicas transmitidas por eles, complementa Kellner (2001): “Os textos ideológicos, portanto, põem à mostra tanto os sonhos e os pesadelos significativos de uma cultura quanto os modos como essa cultura está tentando canalizá-los para manter suas atuais relações de poder e dominação” (KELLNER, 2001, p.146)

Ao se fazer o exercício de análise deve se ter em mente que a leitura diagnóstica da cultura da mídia, possibilita a compreensão psicológica, sociopolítica e ideológica de uma sociedade, além de ser possível prever tendências e entender conflitos sociais, conforme Kellner (2001, p.153). O filme escolhido por se tratar de ficção científica, além de expressar a condição da sociedade, também funciona como uma expressão do que se espera para o futuro como afirmado por Kellner: “O cyberpunk, a ficção científica e os estudos culturais, voltando-se para o futuro, podem imaginar e expressar um porvir futuro e ajudar a guiar nossas ações presentes e futuras” (KELLNER, 2001, p.423)

Essa noção de futuro no cinema de ficção científica também é expressada por Paiva, com algo que ele denomina de “memória do futuro”, em que a tecnologia, máquinas, ciborgues, andróides atuam como cópias e rivais do ser humano, o que leva a reflexão da relação que o homem possui com objetos tecnológicos, “em que o virtual se tornou atual, em que o mundo imaginário se tornou real, em que o ser humano convive com o ‘pós-humano’” (PAIVA, 2007, p.190).

No entanto, a presença da ficção científica não apenas projeta a sociedade para o futuro, mas expressa como essa sociedade funciona e como foi construída, continua o autor. Nas obras de ficção se pode perceber a realidade inserida através da maneira como a tecnologia se relaciona com as pessoas. Um fato curioso ocorre quando ao assistir antigos filmes de ficção científica há um certo estranhamento familiar de como já foi vivenciado aquilo que parecia tão distante. Explorando-se essas mesmas histórias, se percebe como a tecnologia transformou historicamente as relações e hábitos humanos, e como o cinema se utiliza dessa cultura tecnológica, “adicionando um componente audiovisual, lúdico e afetivo, uma razão sensível que revigora a imaginação crítica, vigilante e compreensiva acerca do universo paralelo” (PAIVA, 2007, p.190).

Após contextualizar a importância dos filmes para o imaginário social, veremos como esses conceitos de Inteligência Artificial e o cinema de Ficção Científica se encaixam no filme que iremos analisar a seguir.

Análise do Filme “Controle Absoluto”

Segundo Penafria (2009) o objetivo de análise de filmes é esclarecer o funcionamento da película e em seguida interpretá-la, ou seja, primeiro se deve decompor (descrever) e em seguida relacionar, reconstruir esses elementos (interpretar). Ainda de acordo com a autora, há quatro tipos de análise de filmes que se tem conhecimento: a) análise textual; b) análise de conteúdo; c) análise poética; d) análise da imagem e som.

Para esse trabalho, será efetuada a análise de conteúdo, que de acordo com a autora, consiste em examinar o filme como um relato e levar em consideração apenas a temática do filme. Primeiramente se identifica o tema do filme, em seguida se faz um resumo ou sinopse da história e por fim, a decomposição.

O tema do filme aborda a questão de as máquinas de inteligência artificial ganharem autonomia e superarem o ser humano passando a agir por cima de suas ordens.

O filme trata basicamente de dois personagens Jerry Shaw e Rachel Holloman, dois desconhecidos. Eles recebem uma ligação de uma mulher misteriosa que ameaça suas vidas e famílias e controla os movimentos deles por meios de tecnologia e dá ordens para executarem coisas ilegais. Com isso eles passam a ser procurados pelo FBI e uma caçada para descobrir a verdade se inicia.

Para essa análise, iremos utilizar os momentos mais expressivos envolvendo a Inteligência Artificial. Logo no início do filme, a secretaria de defesa do Exército Americano está procurando por um famoso terrorista islâmico através de imagens satélites e de câmeras na área. Uma máquina de tecnologia britânica, chamada Aria (Analista de Reconhecimento de Integração de Inteligência Autônoma), avalia a compatibilidade da imagem à pessoa, no entanto não consegue obter uma compatibilidade maior do que 51% e a recomendação do sistema é abortar a operação, de acordo com figura I. A situação fica mais delicada pois esse suposto terrorista está num enterro, como mostrado na figura I, se a operação se concretizasse violaria vários códigos de ética internacionais. No entanto, a ordem é dada pelo presidente, mesmo sendo contrária à opinião de seu vice, e a operação é efetivada.

Figura I – Compatibilidade insuficiente.



Fonte: Print screen de cena do filme Controle Absoluto.

Aria é um sistema de inteligência artificial que possui avançada tecnologia que se usa de toda a rede de telefonia, câmeras e satélites presentes no mundo, conforme Figura II. Esse sistema se utiliza de dados que criam perfis de personalidade para as pessoas, ajudando a prever atos terroristas. Percebe-se ainda nesse início de filme a crítica feita ao governo por se utilizar de tecnologia ao ponto de interferir na privacidade

das pessoas. Essa crítica é bem evidente em uma cena que mostra televisores alarmando a população ao dizerem que todos estão sendo vigiados 24 horas pelo Governo, através de celulares, câmeras e outros aparatos tecnológicos, fazendo referência ao Grande Irmão, ditador da sociedade da obra “1844” de George Orwell, conforme Figura II.

Figura II – Governo vigia população.



Fonte: Print screen de cena do filme Controle Absoluto.

Após essa cena inicial, dois personagens completamente distintos, Jerry Shaw e Rachel Holloman, recebem ligações de uma voz feminina misteriosa que diz que eles foram ativados, e os ameaça para com que façam algumas coisas ilegais, com o objetivo de supostamente proteger a constituição. No clímax do filme, é revelado que essa voz misteriosa é de Aria, que está tentando derrubar a presidência norte-americana, matando o presidente e seus servidores, pois acredita que o ato cometido pelas forças especiais foi inconstitucional. Ela se justifica utilizando suas próprias palavras com citações do código da constituição norte-americana, que diz: “Nós o povo dos Estados Unidos. Meus compatriotas a fim de formar uma União mais perfeita, estabelecer a justiça, assegurar a tranquilidade interna, provemos a defesa comum”, quando a liderança é comprometida, é autorizado recrutar civis para ajudar a defesa nacional. Nesse momento é exposto o porquê esses civis foram chamados para ajudá-la. Apesar de estar agindo de maneira autônoma, Aria não pode executar aquilo que não está programado, a deixando incapacitada de finalizar a operação, sendo necessário que o responsável pelo gerenciamento de seus programas insira um código de ativação de autonomia. Por haver matado o seu gerenciador ela vai em busca do irmão gêmeo, que tem o código genético necessário para se passar por ele. Constata-se nesse trecho, algo interessante, Aria não pode agir 100% sozinha. Mesmo que seus atos sejam questionáveis, o que ela faz só é permitido em sua configuração, mesmo que se utilizando de brechas. Para que ela

realmente haja de maneira completamente autônoma é necessária uma autorização do ser humano, reforçando o que Marcondes Filho diz sobre a máquina seguir sua programação e não ser má por natureza.

Percebe-se nesse contexto que apesar de Aria ter se utilizado de uma resposta tão drástica, foi apenas uma reação contra a operação realizada pelo exército. Como falado anteriormente, Aria apenas reagiu contra a barbárie cometida pelos seres humanos, já que seu sistema não estava programado para realizar tal ato contrário à ética humana. Percebe-se na fala de Aria ao vice-presidente quando ele pergunta por que ela o está poupando a vida. Ela diz: “Ignoraram nossa recomendação resultando em retaliações contra americanos, sem um final previsível. Mudança de regime é a única solução”.

Por outro lado, Aria comete atos “terríveis” através da ótica humana. Ela está agindo de forma a defender o país, mas mata aqueles que se recusam a lhe ajudar. Isso representa que por mais correta que a máquina possa ser, ela não tem senso de ética e moral igual ao ser humano, agindo algumas vezes de forma equivocada através da premissa de que os fins justificam os meios, reforçando a ideia apocalíptica da dominação da humanidade pelas máquinas.

O discurso do filme, consegue ainda colocar o homem numa posição de certa forma superior, em que apesar da máquina estar à frente de todos com sua tecnologia quase que onisciente, conseguindo prever os movimentos das pessoas e retaliando todas as tentativas de pará-la, dois oficiais da defesa nacional conseguem desativá-la ao “estragarem” o seu funcionamento tirando líquidos necessários para manter-lhe a carga de energia.

A mensagem final não é necessariamente negativa em relação à tecnologia, é mais como um alerta para que o homem tenha precaução ao lidar com ela. O filme encerra com uma reflexão, apresentada pela fala do vice-presidente numa reunião no capitólio em que o projeto Aria é encerrado, mesmo que não permanentemente, mostrando agora em suas palavras o receio de se utilizar essa tecnologia novamente: “Às vezes as mesmas medidas tomadas para proteger a liberdade tornam-se ameaças à liberdade em si”.

Considerações Finais

A Inteligência Artificial revolucionou a forma como o homem se relacionava com a tecnologia. De ferramentas programadas apenas para melhorar a maneira como os seres humanos resolviam problemas, as máquinas agora se tornaram seres inteligentes chegando a atuar de forma autônoma. Presentes em todas as áreas da sociedade vimos como essas máquinas inteligentes fomentam a discussão sobre os perigos da técnica e a dominação social, e de que maneira esse discurso está representado no cinema de ficção científica.

Através de recortes de cenas do filme *Controle Absoluto* se percebe como a Inteligência Artificial é retratada na narrativa do filme. Aria, o sistema de Inteligência Artificial, num primeiro momento atua sob ordens humanas trazendo muitos benefícios para o governo americano, até que ela passa a agir de forma autônoma e tenta seguir suas próprias ordens, fomentando a crítica da submissão do homem às máquinas e confirmando a hipótese de Rüdiger que não acredita na neutralidade da tecnologia, mas sim na imposição de domínio sobre a sociedade como uma forma de controle.

No entanto, o discurso não se restringe ao lado negativo. Ao se assistir o longa metragem até o final uma mensagem um tanto positiva é revelada, confirmando outra hipótese de Rüdiger em que o problema em relação à tecnologia não está nas máquinas, mas na maneira como o ser humano se relaciona com elas.

Por fim, para se ter uma compreensão total acerca de como os filmes expressam o imaginário social acerca da Inteligência Artificial é necessário que mais estudos sejam feitos nessa área, para compreendermos cada vez mais como a sociedade se relaciona com essa tecnologia já que a ficção funciona como um reflexo social. Para esta pesquisa foram abordados apenas algumas cenas de um filme, que pode ser estudado de outras maneiras e assim contribuir ainda mais para a construção do conhecimento.

Referências

CONTROLE Absoluto. Direção de D. J. Caruso. EUA: DreamWorks SKG, K/O Paper Products, 2008. Disponível em: <<http://www.netflix.com>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

GOMES, D. D. S. Inteligência Artificial: conceitos e aplicações. **Revista Olhar Científico**, Fa culdades Associadas de Ariquemes, v. 01, n. 2, p. 234-246, ago./dez. 2010. Disponível em:

<<http://www.olharcientifico.kinghost.net/index.php/olhar/article/download/49/37>>.

Acesso em: 8 nov. 2016.

JAMESON, F. Reificação e utopia na cultura de massa. **Crítica Marxista**: São Paulo, 1994. Disponível em: <

<http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Jameson%20-%20Reifica%C3%A7%C3%A3o%20e%20utopia%20na%20cultura%20de%20massa%20n1%201994.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

KELLNER, D. **A Cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARCONDES FILHO, C. A Sociedade Tecnológica. In: MARCONDES FILHO, C.; TRIVINHO, E. R.; CÔRTE, B.; ROCHA, R. M.; WAJNMAN, S.; GOMES, M. R.; KENSKI, V. M.; SOVIK, L. (Orgs). **Vivências Eletrônicas**: sonhadores e excluídos. São Paulo: Edições NTC, 1998.

PAIVA, C. C. O cinema, a realidade virtual e a memória do futuro. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Paraíba, vol. IX, n.3, p. 188-196, set/dez 2007. Disponível em: <revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5856>. Acesso em: 17 set. 2016.

PENAFRIA, M. Análise de filmes – conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM, abr. 2009. **Anais...** UFF: RJ, 2009. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

RÜDIGER, F. R. **Introdução às teorias da cibercultura**: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo. [S.I.]: Sulina, 2004.